

Fraternidade

ORGÃO DOS CAIXEIROS E DO COMMERCIO EM GERAL

Quinzenario independente

Redacção e administração — R. Barjona de Freitas, 38-2.º
Officina de impressão — Typ. "Minerva" — Hamalicao

Assignaturas (Pagamento adiantado)

Portugal, um anno 600 réis—Semestre . . . 300 réis
Brasil (moeda forte) um anno . . . 1\$200 »—Numero avulso . . . 20 »

Annuncios (Preços convencionaes)

Não se publicam escriptos que tentem ferir qualquer individualidade
EDITOR RESPONSÁVEL — Fernando Monteiro.

Conde de Agro-longo



DE visita ao sr. cons.º Joaquim Gualberto de Sá Carneiro, esteve entre nós no dia 9 do corrente o distincto benemerito sr. Conde de Agro-longo. Devemos ao bondoso cidadão que nos deu a honra de aceitar os nossos cumprimentos, a mais suprema e inolvidavel gratidão.

Não é o nosso espirito tão esclarecido que possa descrever aqui o valor de um homem que lembra as figuras épicas dos nossos antepassados. Character bondoso a par d'uma sinceridade elevada, não é facil encontrar no mundo novo em que vivemos, individualidade que o iguale.

Passados quatrocentos annos depois que uma avalanche de luctadores tornou Portugal uma potencia colonial inegualavel, uma atmospheria viciosa e immoral alastrou-se pelo paiz, transformando os caracteres de batalhadores honrados em traficantes sem escrupulos. De seculo para seculo o progresso vae fazendo evoluções espantosas, realizando as aspirações dos maiores genios do mundo, tornando reaes os projectos que as gerações passadas classificavam de utopias, emquanto o character humano, chafurdando n'um mar immenso de egoismos e torpes ambições, vê a lealdade através d'um prisma de diversas e variadas utilidades, ora adoptando-a para elevar a cobardia, ora utilizando-a de capa, para encobrir mentiras e falsidades. Mudaram os sentimentos dos homens como mudam, ás vezes, as opulencias faustosas em miserias commovedoras. Realisaram-se as prophécias de esclarecidos espiritos: vale hoje immensamente mais um miseravel chatim, que não conhece a seriedade, do que um homem que sempre a venerou com desvelado fervor. Mas nem todas as consciencias se corromperam, nem a immortalidade tudo sublevo. Bemdita immortalidade que glorificará a memoria do homem, que soube caminhar entre o egoismo e a devassidão, sem temer o seu contacto. Batalhadores modernos, apos-

tolos d'uma nova fé, caminhamos ainda com a consciencia immaculada, com o espirito preso á ideia do Bem.

Assim, sentimos a alma cheia de luz—luz clara de infinita gratidão — ao manifestar a nossa admiração pelo cidadão benemerito, espirito elevado, figura épica d'uma raça decaída.

Na ancia dominadora de tudo possuir, o homem da época presente esqueceu se do seu dever natural.

Conquistadores gloriosos que expunham o peito de heroes ás balas homicidas de uma errada constituição diplomatica, deixaram descendentes que calcaram a historia sublime dos seus antepassados, para se entregarem á chatinagem vil de uma usura condemnavel. Mercadores honestos, figuras immorreitoras de um commercio exemplar, deixaram no passado a lição gloriosa da sua immaculidade, o proceder leal que herdaram de seus avoengos. Com o correr dos tempos tudo se transformou: desde a alma que comprehendia as dores alheias que martyrisavam o infeliz pária, até ao miseravel interesse monetario que o espirito egoista d'hoje tudo domina.

Mas a gangrena que tudo tenta invadir é impotente contra a força de vontade de alguns homens. Maior admiração a nossa, completa surpresa d'aquelles que tudo detestam, dos que nada valem se não possuissem enormes fortunas.

Classificaríamos de mesquinha homenagem que varias collectividades da nossa terra prestaram ao sr. Conde de Agro-longo, se essa homenagem não significasse uma suprema gratidão. A ella nos associamos com expontaneidade sincera que sentimos na nossa alma e com o indeclinavel dever de estima, que

nos merece o distincto cidadão.

Modesta na realidade a manifestação que prestamos ao sr. Conde de Agro longo, tradnz, todavia, o sentimento de gratidão que a nossa alma de moços dedica ao nobre benemerito.

Espirito lucido, intelligencia esclarecida, figura insinuante e incomparavel de philanthropia, lembra a nossa antiga raça de heroes.

Por gratidão, por estima, por um dever de patriotas compete á ex.^{ma} vereação do nosso municipio, o cargo de honrar uma rua d'esta villa com o nome do imminente benemerito sr. Conde de Agro-longo.

Ahi fica o alvitre que nos suggeriu o desejo de

perpetuar para sempre o nome do distincto e incomparavel cidadão.

No dia 9 d'este mez, veio a esta villa, como já se disse, o nobre Conde de Agro-longo, o qual teve na estação uma recepção entusiastica por parte das corporações d'esta villa e muitos outros cavalheiros.

S. ex.^a agradeceu a espera que se lhe fez e seguiu para o palacete do sr. conselheiro Sá Carneiro e, d'ahi, para o hotel Vinagre, onde almoçou.

A's duas horas começou a visita ás corporações d'esta villa, onde foi recebido pelas respectivas direcções, que foram quem haviam pedido a s. ex.^a para as visitar.

S. ex.^a seguiu para o Porto no comboyo das 4,30, do mesmo dia 9, sendo tambem acompanhado á estação por grande numero de carros com os representantes das instituições d'esta villa, entre estas a Associação dos Empregados do Commercio. Na despedida, que foi affectuosissima, s. ex.^a fez distribuir os seguintes donativos:

500\$000 réis á officina do

M. Deus; 200\$000 réis ao Asylo d'Invalidos; e 100\$000 réis a cada uma das—Associação dos Bombeiros, Pão de Santo Antonio, Ordem Terceira, Associação dos Empregados do Commercio, Associação H. de S. Barcellinense e Circulo Catholico.

Damos a seguir noticia da manifestação feita ao nobre benemerito no domingo 13 do corrente, a qual foi a mais eloquente prova de agradecimento do povo d'esta terra.

No dia 13

De nova e entusiastica manifestação de agradecimento e sympathia, foi n'este dia alvo o nobilissimo titular.

Soube-se que s. ex.^a chegava amanhã e, por isso, todas as corporações, Camara Municipal e muito povo, foram á estação apresentar as suas boas vindas ao illustre benemerito.

Os representantes das corporações,—depois de o sr. dr. Vieira Ramos, presidente da camara, pronunciar um entusiastico discurso de boas vindas e agradecer em nome do povo barcellinense e os donativos offercidos ás intuições de beneficencia locais,—cumprimentaram os srs. Conde de Agro-longo, Manoel Maria do Valle e Barboza, e, d'ahi, subiram todos para os seus *landeaux*.

Os nobres recepcionados seguiram d'alli para Espozende e Fão.

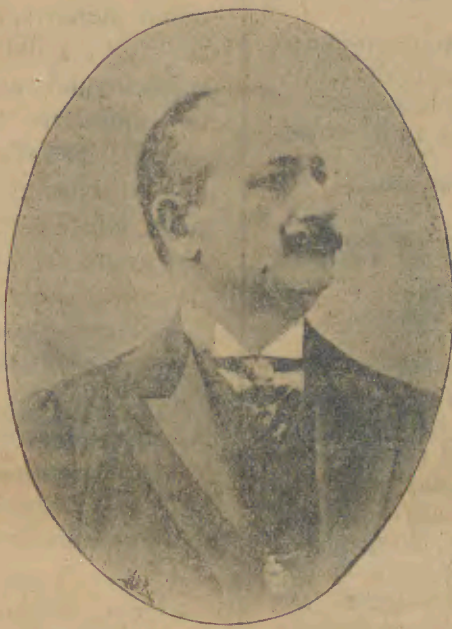
Por iniciativa da Associação dos Empregados do commercio, a qual foi secundada pelas direcções do Asylo d'Invalidos, Real Associação de Soccorros Barcellinense. Recolhimento e officina do Menino Deus, Bombeiros Voluntarios, Ordem Terceira e Circulo Catholico, começou a tratar-se ás 11 horas da manhã da organização de uma

Marcha aux flambeaux

para acompanhar, desde o principio da rua Barjona de Freitas, á estação do caminho de ferro, o nobilissimo titular, á sua chegada de Espozende e Fão.

Trabalhou-se a valer! Mas por fim conseguiu-se organizar uma marcha imponentissima, a mais luzida que se tem feito em Barcellos.

E' que o nobre Conde de Agro-longo merece tudo! Elle merece que o povo de Barcel-



O Ex.^{mo} Conde de Agro-longo, grande benemerito de Barcellos

los ajoelhe deante d'elle, porque elle é um grande benemerito d'esta terra, um homem cheio de patriotismo e de amor á pobreza.

Eram 8,30 quando a banda do Circulo Catholico chegou em frente do café Mattos, assim como todas as corporações da villa, com bandeiras e com grande numero de socios.

A organização da marcha *aux flambeaux* fez-se com rapidez, formando o povo duas enormes alas.

Às 8,40 chegavam os carros conduzindo os srs. Conde de Agro-longo, Manoel Maria do Valle, Barbosa e familia d'estes ultimos. Conselheiro Sá Carneiro, Secundino Esteves, Commendador Coelho Gonçalves e Antonio A. d'Almeida Azevedo. Ao ar subiu uma enorme girandola de foguetes, annunciando a marcha do brilhante cortejo. De todos os labios saíram entusiasticas saudações aos recém-chegados, que foram delirantemente correspondidas.

Ao chegar o cortejo em frente da Associação dos Empregados do Commercio, que ostentava brilhantissima illuminação, appareceu á sacada o vice-presidente da direcção, João de Souza, que, falando em nome das corporações iniciadoras d'aquella festa, disse que a manifestação do povo de Barcellos ao nobre titular não é mais que um agradecimento a elle pelos beneficios prestados a esta terra e é o quebrar do joelho deante de um homem cujo nome se tem elevado brilhantemente pelos seus extraordinarios rasgos de benemerencia e philantropia. *Ruidosos applausos.*

Poz-se novamente o cortejo em marcha; e, pelas ruas por onde passava, a multidão era enorme e dirigiu, até á estação do caminho de ferro, muitos vivas ao nobre titular, ao sr. Valle e Barbosa, agradecendo estes com vivas a Barcellos e ao povo.

Na estação um grupo de bombeiros levou do carro para a salla d'espera, no cóllo, os srs. Conde e Valle. O entusiasmo crescia cada vez mais. A multidão agglomerava-se em volta dos visitantes d'esta terra, com um entusiasmo indiscriptivel.

E, no meio d'este louco entusiasmo, acompanhado por vivas aos visitantes, ao sr. Conselheiro Sá Carneiro, a Barcellos, ás instituições, etc., etc., chegou o comboio onde seguiu para o Porto o nobre titular e os que o acompanhavam.

Reorganizada a marcha, todos seguiram para esta villa, durando no trajecto o mesmo entusiasmo e a convicção de se haver cumprido um dever.

Na Associação dos Empregados do Commercio, o collega João de Souza, em nome de todas as corporações, agradeceu ao povo o ter-se incorporado na marcha *aux flambeaux* e incitou-o a que conti-

nue a prestar d'estas homenagens ao nobre titular, porque elle é um grande benemerito d'esta terra.

No Circulo Catholico tambem fallaram o rev. P.^o Lamella e o nosso camarada João de Sousa, sobre o descanso dominical, defendendo esta causa com calor e entusiasmo, dizendo o segundo que esta causa é um direito exige-se—não se pede. Pediu ao povo de Barcellos que auxilie a sua classe na defeza d'esta causa e terminou levantando vivas a Barcellos, ao descanso dominical, ás associações de Barcellos etc. etc., que foram entusiasticamente correspondidos.

E d'este modo terminou esta festa tão brilhante e tão cheia de sinceridade, e da qual sentimos não poder dar mais largas referencias, por falta d'espaco.

—A villa estava toda illuminada.

—Os sinos dos Terceiros repicaram á passagem do cortejo.

—Durante este queimou-se muito fogo de bengalla.

—Todas as corporações da villa se fizeram representar.

Os caixeiros do Porto em Braga

As nossas impressões:—A classe está unida e está forte; pôde avançar!—A chegada—A recepção—O cortejo—sessão de boas-vindas: mensagem—visitas officiaes—a sessão de propaganda: discursos—a corrida de bicycletas—O jantar official—A marcha «aux flambeaux»—Notas diversas.

Ha um certo numero de annos a esta parte que a classe dos empregados do commercio vem emprehendendo uma luct. gigantesca em prol de uma causa que deveria ter merecido attencioso cuidado dos poderes constituídos, tal é a sua justiça, a sua razão e o seu direito de ser. E de tal modo se tem feito essa propaganãa e de tão distinctos meios os caixeiros portuguezes se tem servido, que nós vemos, com justa vaidade, adherir a esse movimento entidades que—pelas suas posições e qualidades sociaes—estão mais em destaque no nosso paiz.

A excursão que no dia 30 do mez passado se realison a Braga, promovida pela respeitavel *União dos Empregados de Commercio do Porto*, foi, pela sua organização e pelo seu importantissimo fim,—a evolução e propaganda—uma revista em ordem de marcha ás forças caixeiraes, as quaes es-

tiveram dignamente representadas n'aquella festa de solidariedade e cohesão de pensares.

Todos os annos que passam deixam nos nossos annaes paginas de altissimo valor e deixam no publico a impressão bem nitida de que a causa dos empregados do commercio—que de resto é de todos os opprimidos—é, não só uma prerogativa justa, mas, mais ainda, um direito inquestionavel que merece ser, sem demora, attendido pelos dirigentes do paiz.

A excursão a Braga teve, como se verá da descripção a fazer, uma importancia extraordinaria e foi mais um passo de gigante dado no caminho das nossas conquistas.

A sessão de propaganda teve o caracter de uma reunião plenaria, onde compareceram a fallar e a ouvir os soldados fieis a essa bandeira sublime que tem o escudo—solidariedade e energia, pela Liberdade—e, ainda mais, foi a manifestação mais eloquente da nossa força e da nossa orientação cordata.

Por tudo isso que presenciámos, por todas as declarações ouvidas e por todas as manifestações de solidariedade, nós convencemo-nos de que a classe dos caixeiros portuguezes está unida e está forte e, por isso, pôde avançar, sempre pela estrada da evolução, porque hade colhêr os louros da victoria.

Pois que avance, luctando sempre!

Uma vez dadas as nossas impressões sobre o que foi a excursão dos nossos camaradas portuenses á velha cidade dos arcebispos, á bella capital do Minho, nós cumprimos o indeclinavel dever, pela parte que nos toca, de patentear bem publicamente a nossa admiração áquelles que foram promotores da excursão, aos nossos companheiros bracarenses que tão galhardamente receberam os verdadeiros defensores da nossa causa e, ao operariado inteiro, ás classes que trabalham na fabrica, na officina, no balcão, no escriptorio ou no armazem, nós temos o acerto de Carl Max:

A Liberdade dos opprimidos, só pôde ser conquistada por elles. Por isso, trabalhemos unidos, sejamos todos operarios e solidadores

dos mesmos males, porque a victoria caberá a todos.

União, Igualdade e Solidariedade, Operarios portuguezes!

Luctemos unidos, porque a victoria é certa!

a chegada

Eram 8,45 da manhã quando enorme quantidade de foguetes subiu ao ar, annunciando ao povo de Braga

Na *gare* estavam os representantes de todas as corporações bracarenses e os delegados da Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos, com as respectivas bandeiras e, á chegada do comboio, soltaram-se entusiasticos vivas aos camaradas portuenses, os quaes foram delirantemente correspondidos pela enorme multidão que parava em frente ao edificio da estação ferro-viaria.

Duas bandas de musica tocavam os hymnos das associações do Porto e Braga. E quando das carruagens começaram a descer os excursionistas, os vivas tomaram extraordinario incremento, sendo mais repetidos no momento em que se fez a troca de cumprimentos. Apos estes, organizou-se fóra da estação

o cortejo

A' frente dois carros com empregados de commercio do Porto e Braga, distribuindo variadissimos chromos de saudação as damas e povo bracareuse, seguindo-se:

Tuna da União dos empregados de Commercio, com bandeira; estandartes das associações—União dos Empregados de Commercio, Associação de classe Commercial de Braga, Real Associação dos Empregados de commercio de Braga, Associação de Classe dos Caixeiros Portuenses, Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos, direcção da União, Comissão promotora da excursão e delegados de todas as associações e grupos de caixeiros do paiz, bandeiras da Associação dos Empregados de Commercio da Povia de Varzim, das Quatro Artes de Construcção Civil de Braga, da Officina de S. José, da Associação dos Alfaiates, dos Fabricantes de Calçado, dos officiaes e costureiras d'alfaiate, das Artes Metalurgicas, dos Bombeiros Voluntarios e Associação Commercial (patrões), todos de Braga, a philarmonica bracareuse e banda da officina de S. José, tambem da mesma cidade.

O povo, que formava alas de um e do outro lado do cortejo, saudava os excursionistas com prolongados e entusiasticos vivas; e quando o imponente cortejo dava entrada no arco de Sant'Anna, rapidamente se desenrolou uma larga faixa de morim branco,

no qual se lia em destacantes caracteres—*bem-vindos!*

Do alto d'este arco eram lançadas sobre os excursionistas flores com grandissima profusão; assim como por todas as ruas por onde passou o cortejo as damas despejavam enorme quantidade de açafates de flores, de mistura com retalhos de papel multicores, nos quaes havia impressas numerosas phrases de saudação e de incitamento á classe dos caixeiros.

Os excursionistas, n'um enthusiasmo louco, correspondiam a todas estas manifestações com entusiasticos *urrahs* e *bravos!* e levantavam calorosos vivas ás damas, ao povo de Braga, aos empregados do commercio, ao descanso dominical, á união e fraternidade da classe, ás associações do Porto, Braga, Barcellos, Pova, aos defensores dos opprimidos, a Alberto Nazareth, Fernaudes d'Oliveira, etc., etc.

E n'este delirio que a todos se communicava e ainda de baixo de uma immensidade de flores que as senhoras faziam copiosamente cahir sobre os excursionistas, estes deram entrada no edificio da Associação Commercial (patrões), em cujo soberbo salão, que se achava ornamentado com colchas de damasco de seda vasos e escudos, se realisou a sessão de

Boas vindas

Eram 10 horas e pouco mais quando o sr. Raul Guimarães, presidente da Associação de Classe Commercial de Braga, tendo por secretario os srs Jacques Nunes e Francisco José Valença Junior, deu as boas vindas aos excursionistas, evidenciando que o enthusiasmo dos seus collegas bracarenses se estende a toda a cidade, ás damas, ao povo e ao commercio, para quem teve palavras de elevação, louvor e reconhecimento.

Referindo-se aos patrões, diz que estes estão com os caixeiros, facto que tem demonstração na cedencia da sua casa para se realizar aquella sessão de propaganda. *Applausos.*

Fez o elogio do presidente da excursão, o collega Leite Ribeiro, para quem teve palavras muito justas e, por fim, levantou vivas aos excursionistas, ao povo de Braga, á imprensa, ao commercio honrado, á Associação Commercial (patrões) e ao descanso dominical.

O camarada João Fernandes d'Oliveira, presidente da União dos Empregados do Commercio, agradece as palavras de Raul Guimarães e ao povo de Braga agradece tambem a brilhante recepção que fez aos excursionistas, declarando ser-lhe grato ver que as classes trabalhadoras se reúnem em torno das suas bandeiras para a reivindicação de um direito.

Muitos applausos.

Hoje—diz o orador—já não

ha barreiras a separar os povos. Ha uma humanidade que soffre, tyrannizada pelos poderosos. Pois cumpre a essa humanidade quebrar as gargalheiras que a todos escravizam. *Enthusiasticos applausos.*

Espraiando-se criteriosamente sobre a causa dos empregados do commercio, diz que ella é tão justa que o patronato e toda a imprensa emprega esforços para que ella saia dos dominios da utopia e da convenção, e que é preciso oppor á relutancia dos governos a energia e a boa vontade de todos para que o descanso dominical por lei seja em breve um facto.

Em nome da collectividade que representa, offerece á Associação congengeres de Braga uma rica palma ornamentada de flores e diz que aquella ainda não é a palma da victoria, mas não virá longe...

No fim do seu discurso, o companheiro Fernandes d'Oliveira foi alvo de uma ruidosa manifestação, feita pela numerosa assembléa.

A palma tinha em largas fitas de *moré* verde e branca, os seguintes dizeres:

A' Associação de Classe Commercial de Braga, a União dos Empregados de Commercio do Porto (associações de classe) —30—7—05.

O collega Candido Dias, secretario da União, leu a seguinte mensagem, que entregou ao presidente da associação congengeres encerrada n'uma riquissima pasta de *pelouche* escarlate:

«Illustres e presados collegas:

Os vossos collegas do Porto, aqui vindos em visita de confraternisação e de propaganda de communs ideaes emancipadores, affirmam-vos de um modo solemne e cathorico a sua solidariedade e a creença inhabalavel na aproximação d'uma Era mais feliz e prospera para todos nós.

Os preconceitos são desfeitos pela critica vigorosa dos Aposolos do Bem e as fronteiras erguidas, adentro até do mesmo solo patrio, derruem ante os golpes do camartello Redemptor da Reforma:—nas leis, nos usos e nos prejuizos sociaes.

Os opprimidos, comprehendem, finalmente, a sua situação e veem acolher á sombra do labaro rutilantissimo da Associação, na ancia justificada de realisarem de prompto a sua felicidade.

Assim, a comissão signataria esperancada no breve estabelecimento d'um poderoso edificio federativo do caixeirato portuguez, abraça-vos a todos em nome dos collegas do Porto e faz votos, os mais ardentes e sinceros, pela união consciente e bem orientada dos obreiros do commercio para o advento da justiça que nos é devida.

Saude e Fraternidade».

A leitura d'esta mensagem foi coberta por entusiasticos applausos e vivas.

Em seguida o nosso camarada João de Sousa, como vice-presidente da Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos, leu tambem a mensagem que segue e que entregou ao presidente da União do Porto:

Collegas!

Dura ainda esse formidavel

abraço de fraternidade que soube reunir em uma só força impulsora, os socios das duas associações amigas; e está ainda bem forte essa alliança firmada em Barcellos no dia 5 de julho de 1905 pelas associações de todo o paiz. Mas porque esses laços de fraternidade precisavam de renovação e porque não está ainda feita a conquista dos nossos direitos e porque precisamos de caminhar debaixo de uma orientação unisona e desassombrada, pela estrada do Progresso e da Civilisação, nós, interpretando os desejos dos nossos consocios e cumprindo o dever que a nossa qualidade de luctadores humildes mas sinceros nos impõe, vimos abraçar n'um grande amplexo de solidariedade a briosa *União dos Empregados do Commercio do Porto* e fraternisar as nossas forças com as de todas as nossas illustres congengeres aqui representadas.

E' que esta festa da classe symbolisa o inquebrantavel elo que nos ha-de levar á lucta mais titanica em defeza dos nossos direitos e ha-de marcar mais um passo de gigante na estrada da emancipação social!

Tenhamos pois fé no futuro, por que este pertence aos novos que luctam, que evolucionam e moralisam, porque havemos de chegar ao dia em que, tudo triumphado, poderemos dizer:—*vencemos!*

E n'um echo entusiastico de almas emotivas, que veem junto de si corações amigos, batalhadores de tempera rija, peitos que sabem erguer bem alto o pregão da Justiça, a Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos sauda e abraça os caixeiros de todo o paiz, incitando-os a que avancem de vizeira erguida pela conquista d'esse direito sacratissimo, d'essa prerogativa que tem creado milhões de adhesões no mundo civilisado e que se chama—descanso dominical por lei.

Viva a classe dos caixeiros portugueses!

Barcellos, 30 de julho de 1905.

Quando a assembléa fez ecoar na salla ruidosa ovação, o camarada *Fernandes d'Oliveira* subiu ao estrado e, abraçando o vice-presidente da Associação de Barcellos, disse que n'aquelle abraço ia o espirito de confraternisação que a todos domina, confiando n'um futuro melhor na reivindicção dos direitos que assistem aos caixeiros portugueses.

Muitos applausos.

Falla o collega Leite Ribeiro, como presidente da comissão organisadora da excursão, agradece aos seus camaradas, ao povo e ás gentis damas bracarenses a brilhante recepção. Refere-se á propaganda para o descanso dominical, diz do effeito que para tal fim se tira das excursões, que são a fórma de es treitar os laços de amizade e união da classe dos empregados do commercio, terminando por affirmar que aquella visita era para mais arreigar no animo de todos o dever de trabalharem com affinco para que a nossa causa tenha o fim desejado.

Muitos applausos.

Eram 10 horas e meia quando o collega presidente entrou a sessão.

As 11 horas e meia teve começo, no hotel Mattos, o almoço official; e, terminado este, pela uma hora da tarde, os representantes das Associações do Porto, Braga, Lis-

boa e Barcellos foram fazer as

Visitas officiaes

começando pela Associação Commercial (patrões), onde foram recebidos pelos srs. Manoel Bento de Carvalho, Joaquim Pereira e Custodio Joaquim Ferreira; A' Associação dos Bombeiros Voluntarios, onde deixaram cartões; a s. ex.^a rev.^{ma} o sr. Arcebispo Primaz, sendo amavelmente recebida pelo illustre Prelado, que teve para com os excursionados e para a causa dos caixeiros palavras muito amaveis, prometendo interessar-se pelo descanso dominical; ao quartel general, sendo recebidos pelo sr. commendante com todas as gentilezas; ao sr. Governador Civil, sendo recebidos por este; e, finalmente, ao Athneu Commercial, ás Associações das Artes Metalurgicas, Artes correlativas, Officiaes e Costureiras d'Alfaiete, Quatro Artes de Construcção Civil, Liga das Artes Graphicas, Real Associação dos Empregados no Commercio e Grupo Dramatico Beneficente União, sendo a comissão recebida muitissimo bem.

Findas as visitas officiaes, os delegados de todas as Associações dirigiram-se para a séde da Associação Commercial (patrões), onde pelas 3 horas e meia da tarde, se realisou a

Sessão de propaganda

ladeando a mesa da presidencia, estavam os redactores da imprensa, do Porto e Braga e, por detrás d'estes, os estandartes que de manhã haviam figurado no cortejo.

O salão estava bellissimamente ornamentado com colchas de damasco de seda, es-cudetes com varias legendas e com enorme quantidade de vasos.

Ao fundo da salla, a tuna da União tocou, alem do hymno das Associações visitada e visitante, algumas das mais bonitas peças do seu grande repertorio.

Sobe em ssguida ao estrado da presidencia o presidente da Associação de Braga, Raul Guimarães, secretariado por Jacques Nunes e Valença Junior, o qual abriu a sessão e declinou no camarada Fernandes d'Oliveira, presidente da União dos Empregados do Commercio, a presidencia da sessão de propaganda.

Este collega, agradecendo a honra conferida, chamou para secretarios os companheiros Raul Guimarães, pela Associação de Braga e Antunes Vaz, pela Associação dos Caixeiros Portuguezes de Lisboa; e para vice-secretarios os collegas Corrêa Guimarães e João de Sousa, respectivamente pelas aggremações congengeres de Vianna do Castello e Barcellos.

O camarada *Fernandes de Oliveira* declara que aquella excursão não foi somente um passeio recreativo, mas mais um fim de propaganda pela

causa dos caixeiros. Em todos os paizes civilizados, as classes trabalhadoras fruem um dia de descanso semanal, e não ha razão para que egual regalia não tenham os caixeiros portuguezes. Cita o sr. Manoel Bento de Carvalho, como exemplo dos patrões, o qual ainda ha pouco declarou que dá ha muitissimos annos meio dia de descanso aos seus empregados e espera em breve poder dar-lhes um dia inteiro, pois que para isso trata de regular os seus negocios com alguns freguezes, motivo porque para elle não é precisa a lei; mas esta é precisa para muitos que não sabem ou não querem reconhecer as leis da humanidade. Felicita o operariado bracarense pela sua attitude para com os caixeiros, que é demonstradora da solidariedade que existe nas suas reivindicações e aconselha as classes a filiar-se nas associações. Terminando, diz que a mesa resolveu expedir o telegramma seguinte:

Presidente conselho ministros — Lisboa — Empregados commercio Porto e Braga, reunidos com representantes das associações profissionais de todo o paiz em sessão de propaganda do descanso dominical, lembram a v. ex.^a suas promessas de satisfazer suas reclamações, apresentanda proxima sessão legeslativa projecto de lei que estabeleça esse descanso. A mesa da reunião — (aa) Fernandes d'Oliveira, Raul Guimarães, Antunes Vaz, Correia Guimarães e João de Sousa.

A leitura d'este telegramma foi coberta de grandes applausos.

O sr. Jacques Nunes refere-se largamente ás necessidades e vantagens do descanso dominical, que advoga e declara lamentar que os governos não hajam cumprido as promessas feitas. censura os patrões que se negam a conceder o descanso aos caixeiros e louva aquelles que auxiliam os empregados na defesa de sua justa causa, terminando por fazer votos pela victoria final. *Applausos.*

O collega Carvalho Junior pronunciou um bello discurso sobre o descanso dominical, advogando-o com calor e convicção e fazendo varias considerações sobre o viver do caixeiro—que em alguns ramos de negocio trabalha 16 horas e mais em cada 24.

Appellando para que todas as classes façam causa commum com os caixeiros, leu e enviou para a mesa as seguintes

Moções

que foram unanimemente approvadas:

Os empregados de commercio, portuguezes, reunidos na cidade de Braga em sessão de propaganda do descanso dominical, votam o seu reconhecimento á imprensa periodica do paiz e ás corporações commerciaes e industriaes pela coadjuvação que tem prestado ás suas reivindicações.— (a) Manoel Gonçalves de Carvalho Junior, representante de *A Luz do Commercio e do Caixeiro.*

Os caixeiros do Porto, reunidos

na sede da Associação Commercial de Braga em sessão de propaganda do descanso dominical, no dia da visita de confraternisação aos seus collegas bracarenses, testemunham o seu perduravel reconhecimento a todas as classes sociaes p'esta hospitaleira terra pelo bizarro acolhimento feito aos excursionistas portuguezes.—(a) Manoel Gonçalves de Carvalho Junior.

Em seguida usou da palavra o sr.

Abilio Corrêa, pela Associação de Famalicão.—Demonstra a necessidade do descanso dominical, classificando de escravidão a vida do caixeiro. Finda por aconselhar a luta mais persistente pelo descanso dominical e sauda os caixeiros portuguezes. *Foi applaudido.*

Deolindo Amaral, camarada portuense, representa os Athenus de Lisboa e Coimbra, Antonio Bana e *A Voz do Caixeiro*. Agradece aos collegas de Braga a recepção aos excursionistas e faz votos pelo triumpho da nossa causa. *Applausos.*

Fala o companheiro

Soares Duarte, que se refere largamente á causa dos caixeiros, citando Guilherme Ribeiro, Adolpho Portella, Simões d'Almeida Junior, Ribeiro de Freitas e outros propagandistas do movimento social.

Refere se ás conversas que por vezes teve com ministros, os quaes prometteram interessar-se pela nossa causa, mas todos faltaram a essas promessas.

Descreve minuciosamente a situação do caixeiro, dando fim ao seu empolgante discurso com uma invocação á classe inteira, para que cumpra o seu dever, exigindo o que até agora tem pedido, porque o direito e a justiça dá este conselho. *Repetidos applausos.*

Tem a palavra o camarada

Corrêa Guimarães, representante da Associação congénere de Vianna, que discreta sobre o repouso dominical, dizendo não ser um favor que se pede mas sim um direito que se exige. Fala do descanso de que já gosam os empregados do correio e de pequena velocidade dos caminhos de ferro, interrogando qual o motivo porque as outras classes não tem o mesmo descanso. Pede a filiação da classe nas suas associações. *Apoiados repetidos.*

Segue-se o collega

João de Souza, pela collectividade de Barcellos. Declara que os governos não hão attendido as frequentes reclamações dos caixeiros, por estes não terem feito as suas reclamações com energia. Pede a filiação de todos os caixeiros nas associações e dirige um caloroso appello á imprensa para que continue a advogar a nossa causa, porque d'este modo se vencerá. *Apoiados.*

Segue-se

Joaquim Rego, pela Associa-

ção da Povoia. Diz que os seus companheiros povoenses estão com a união dos empregados do commercio, com quem serão solidarios, e manter-se-hão na lucha iniciada pelo descanso dominical. *Applausos.*

Como não houvesse mais oradores inscriptos, o camarada

Fernandes d'Oliveira encerra a sessão, dizendo que no dia 20 do corrente vae fazer-se uma grande manifestação em favor do descanso dominical; é necessario que a classe cumpra o seu dever e, se necessario fôr, fazer mais alguma cousa do que pedir aquillo que os governos tem despresado. E encerrou a sessão no meio de numerosos vivas, á imprensa, associações, á classe, ao descanso dominical, etc.

D'aquí, e como ficara resolvido, a mesa da sessão, com alguns empregados do commercio, foram cumprimentar o sr. Simões d'Almeida, respeitavel negociante de Braga, agradecendo-lhe os serviços que tem prestado a causa dos caixeiros e testemunhar-lhe o sentimento da classe dos caixeiros portuguezes pelo recente fallecimento de seu filho, Simões d'Almeida Junior, que foi um dedicado propagandista dos nossos direitos.

O illustre pae do finado agradeceu, e, mais uma vez, declarou estar ao lado dos caixeiros.

Pela volta das 5 ¹/₃, alguns excursionistas foram assistir á

Corrida de bicycletas

no velodromo de S. João, em honra dos empregados do commercio.

Pelo pouco espaço de que agora dispomos, não podemos dizer os nomes dos vencedores nem a qualidade das corridas, mas basta dizer se que o velodromo estava á cunha e todos os corredores foram muito victoriados, principalmente aquelles que mais deram á *canella* e venceram.

Eram quasi 7 horas quando começou o

Jantar official

no hotel Mattos.

A vasta salla estava bellissimamente ornamentada com escudetes e colchas.

Ao *champagne* ergueram-se muitos brindes, ás associações representadas, á imprensa, aos caixeiros, pelo descanso dominical, pela união da classe, que foram delirantemente correspondidos.

Eram 8 ¹/₂ e tal quando terminou o jantar e todos se preparavam para a

marcha "aux flambeaux,"

N'este momento começou a cair uma chuva pesada, motivo porque a marcha se não poude realizar com o brilho que todos lhe preparavam.

Na estação do caminho de ferro os excursionistas tiveram affectuosa despedida.

Notas diversas

O comboio era ornamenta-

do por bandeiras e trazia ao centro uma poesia impressa.

—Em Famalicão entraram os delegados da Povoia e d'aquella villa.

—A imprensa do Porto e Braga, era apresentada na excursão, banquete e sessão solemne, pelos seus redactores e correspondentes.

—O nosso collega bracarense Manoel Pires da Silva, representava o Grupo dos Caxeiros de Abrantes.

—A cidade achava-se vistosamente engalanada com bandeiras e galhardetes.

—*A Luz do Commercio*, do Porto, publicou um numero especial com os retratos de alguns membros da direcção da Associação de Braga e da commissão promotora da excursão.

—O *mênu* do jantar official foi impresso em cartões com variadas vistas do Porto e Braga.

APPELLO

Aos nossos correspondentes e assignantes

Alguns dos nossos presadissimos correspondentes tem accedido ao appello que lhes fazemos de, cada um, de por si, nos angariar o maior numero de assignantes que possam, para que a vida do nosso modesto quinzenario seja duradoira e sem difficuldades.

E, na convicção de que todos continuarão a prestar-nos auxilio, repetimos hoje o mesmo pedido, declarando muito cathegoricamente o seguinte:

Não somos jornalistas que pretendam viver d'este officio; não somos vaidosos que pretendam elevar ou tornar conhecidos seus nomes;—somos sinceros: temos a esperanza de que a nossa luta dedicada ha-de ser proficua, como proficua tambem será a d'aquelles que se presam de ser combatentes leaes.

A nossa bandeira tem o lema—evolucionar para vencer—a cuja sombra nos agasalhamos a fé que nos anima.

E quem fala com este desasombro, não merecerá ter do seu lado toda essa legião de luctadores na defeza de um direito?

Se esse auxilio merecemos, a classe que nol-o dê.

E' isto o que esperamos dos nossos bons amigos e companheiros—os correspondentes e assignantes da *Fraternidade*.

Auxiliem-nos todos, porque saberemos ser gratos.

Falta d'espaco

Por termos de publicar a noticia desenvolvida da excursão a Braga, luctamos n'este numero com enorme falta d'espaco, motivo porque não podemos inserir as *Verdades e Pelo ar*, assim como outros escriptos da redacção e de fóra, que irão para o proximo numero.

NOTÍCIAS DE LISBOA

Tuna commercial

Realisou-se no domingo, 6 do corrente um grandioso festival em honra do sr. Victor Manoel.

O programma que era primoroso foi cumprido, sendo todos os intepretes calorosamente applaudidos.

Em seguida ao sarau teve começo o baile seguido de collon que durou até ás 6 horas da manhã, dançando se sempre animadamente.

Excursão da tuna

No proximo dia 20 tem lugar a excursão, que esta sympathica aggremação realisa-se ás Caldas da Rainha e para a qual já restam poucos bilhetes.

Representação

Começou a ser assignada, pelos respectivos delegados do congresso, na noite de 7 do corrente, a representação que ha de ser entregue ao governo.

A classe

A classe por aqui continua na mesma, dormindo repim-pada á sombra e resonando alto, com a despreocupação de uma entidade, que se julga feliz e conscia do cumprimento dos seus deveres.

Que miseria! Que tristeza!

Novidades

Seguim para o norte em viagem, no dia 29 do mez passado, o nosso amigo Antunes Vaz, empregado da respeitavel casa d'esta praça dos srs. Callado & Moraes.

Bom negocio e bella saude é o que lhe desejamos.

Antunes Vaz que é o Zagaia da Luz do Commercio, deixou o seu cargo entregue ao nosso estimado Flécha.

—Regressou do Alemtejo o nosso amigo Domingos Alves, empregado dos srs. Callado & Moraes.

Kermesse

Na Associação dos Empregados Commercias e Industriais tem lugar no 12 a inauguração de uma kermesse, onde se ostentam lindas e valiosas prendas.

No dia 13 deve alli realisar-se uma festa organizada com excellentes elementos.

Lisboa, 10-8-905.

Seta.

MARCO POSTAL

A. L. R.—Souzel—Cumpridas suas ordens. Obrigados.

A. N.—Coimbra—Recebemos postal e já respondemos.

D. N. A.—Penafiel—Recebemos postal. Nada tem que agradecer e esperamos que arranje alguma cousa relativamente ao nosso pedido. Veja se pôde.

L. P.—Lisboa—Recebemos carta. Sabe o que precisamos? Veja se arranja alguma coisa.

J. S.—Coimbra—Muito obrigados.

M. J.—Arcos—Obrigados pelo seu favor.

O Mondego

Ao meu amigo e collega José Antunes Alves Garcia.

Venho lembrar-te os primores Das margens, hortas e montes, Todas cobertas de flores, Todas cortadas de fontes!

São de prata as tuas aguas, Tuas areias são d'ouro; Tenho alli as minhas maguas, N'ellas tenho o meu thesouro.

Ora segues deslizando, Ora ferves em cachões, E vaes assim similhando Lucta e paz dos corações!

A lua cheia incidindo Na tua branca corrente, Parece que está sorrindo A mirar-se de contente.

Não ha no mundo outro rio Que assim tenha sineiraes; Onde aves ao desafio Disputam em madrigaes!

Ninhum rio tem historia, Como tu, a teus bem vés! Pois, que trazes á memoria O nome d'este lindo mez!

Se na terra, por acaso Mansão de paz e socego Houve, existindo o farnasco, De certo foi no Mondego.

As almas todas affectas Quando de brando deslisas; Fazes dos homens poetas, Das mulhieres, poetisas.

Em festaes verdes enlaçam-se As roseiras nas oliveiros; As madre-silvas abraçam-se A' ramagem dos loureiros.

Até nas plantas felizes Mostraes genio criador; Amam-se pelas raizes, Procriam abrindo em flor!

Em noite escura, as estrellas A tua corrente encerra, De modo que, a gente ao vê-las Vé outro céu pela terra.

E, é bem melhor pela vida Adorar os olhos bellos, Da mulhier estremeçada, Do que minutos libellos!

Altos montes se debruçam Soberbos a dominar-te, Mas por fim elles soluçam, Indo a corrente engrossar te!

No teu leito a certas horas Ha formosa exposição Parece que até decoras Levado de tentação.

Que santas noites aquellas Tranquillas mansas e serenas; Realidade de novellas Escriptas nas açucenas.

N'essas noites deleitosas Quando sonhava sonhava!

Rainha das caprichosas Já então te adivinhava...

Figueira, 8 de agosto de 1905.

José Joaquim C. d'Almeida

O descanso no Porto

Já está concluida e já reuniu em sessão preparatoria, a grande comissão que por interferencia da União dos Empregados de Commercio foi organizada com os delegados para esse fim nomeados pelas associações commercias de conseguir o descanso dominical para os nossos companheiros de trabalho d'aquella cidade.

Brevemente reúne a comissão para dar inicio aos trabalhos.

—No salão da União dos Empregados de Commercio, realisam no ultimo domingo a sua conferencia sobre o thema—*O descanso dominical visto á luz da sciencia hodierna*—o sr. dr. Antonio Coelho, que foi muitissimo applaudido pela numerosissima assembleia.

Eccos da quinzena

A nossa causa

O congresso nacionalista, ultimamente effectuado em Viana do Castello, no theatro da de Miranda, votou, nas conclusões dos seus trabalhos, a necessidade de ser estabelecido o descanso dominical obrigatorio.

Subiu ao patronato, de sociedade com o sr. Antonio José d'Araujo, d'esta villa, o nosso companheiro Pedro Vasconcellos. A' nova firma commercial—Araujo & Vasconcellos desejamos muitas prosperidades.

"A Folha da Manhã,"

Com o n.º 1353, entrou no 26.º anno de publicação este nosso presado collega local, que por vezes tem advogado a nossa causa e porque é um bello semanario noticioso e litterario. Saudando-o por aquelle facto, appetecemos-lhe vida mais longa e prospera.

Conferencia

Realison-a, no dia 6, sob o thema—*Associação de Classe—Suas vantagens*—o distincto caudido portuense e illustre par lamentar, sr. dr. Francisco Fernandes, na *União dos Empregados de Commercio do Porto*. O grande salão d'esta collectividade estava cheio de convidados—senhoras e cavalheiros—e, a entrada do distincto conferente, foi este saudado com palmas e vivas.

O sr. dr. Francisco Fernandes desenvolveu com facilidade e acerto o thema da conferencia e, referindo-se ao descanso dominical, disse «que os empregados tem mendigado aos seus chefes esse direito, de chapu na mão, quando o direito não se mendiga, exige-se».

Justificou brilhantemente estas palavras e, ao terminar a sua palestra, foi alvo de entusiastica manifestação.

Sentimos que a falta d'espaco com que hoje luctamos nos iniba de mais largas referencias á distincta conferencia do illustre tribuno, que foi o inicio de uma serie d'ellas que a *União dos Empregados de Commercio do Porto* tentious realisar.

Excursão

Vieram no dia 6 a esta villa, em passeio, os socios de algumas associações operarias do Porto, que foram hospitaleiramente recebidos, devido aos trabalhos de uma comissão de operarios barcellenses, presidida pelo nosso amigo sr. Manoel Rodrigues da Cruz Lima, que se não poupou a sacrificios para bem receber os seus companheiros portuenses.

Agradecemos a visita que nos fizeram.

A "Fraternidade,"

Devido á grande abundancia de original, tivemos de mandar fazer o presente numero de 8 paginas, o que motivou o atraso com que é distribuido. D'isto pedimos desculpa aos nossos assignantes.

A' CLASSE

Por motivo de nos ter chegado muitissimo tarde a gravura do grande benemerito Conde de Agro-longo,—com que quizemos illustrar este jornal, em homenagem aos seus extraordinarios rasgos de benemerencia, e como prova mais eloquente e mais sincera da veneração que p'elle teem todos os barcellenses e a *Associação dos Empregados no Commercio de Barcellos*, de cujos sentir e desejos somos interpretes humildes,—e para não retardar a sahida do n.º 13 e ainda por termos grande agglomeração de original, resolvemos fazer sahir dois numeras juntos—os 12 e 13—com 8 paginas,—de 15 e 30 de agosto.

Por este modo manteremos inalteravel a sahida regular da *Fraternidade*, caso que se não daria se—separadamente—fizemos sahir os dois supracitados numeros.

A classe, de quem somos fieis defensores, comprehenderá isto mesmo; e, por isso, aos nossos dedicados assignantes pedimos desculpa da demora com que sae o jornal facto que, cremos, não será repetido.

Aos nossos correspondentes pedimos o favor de nos enviarem, até ao dia 10 do mez proximo, noticias das reuniões magnas da classe que deveriam effectuar-se no dia 20 d'este mez, conforme o plano trabalhos de das *commissões de descanso*, porque queremos dedicar o n.º 14 da *Fraternidade*, simplesmente, a esse interessante assumpto.

Esperamos, pois, este favor, de todos os nossos sollicitos correspondentes.

Reuniões de propaganda

E' no proximo domingo—dia 20 d'agosto—que devem realisar-se em todo o paiz as reuniões magnas da classe para a leitura e approvação da representação a dirigir aos poderes do estado reclamando a obrigatoriedade do repouso dominical.

E para bem informar os nossos queridos assignantes do que se passar n'essas reuniões—que serão a demonstração da actual organização de forças do que dispõe a grande classe do caixeirato portuguez—pedimos aos nossos sollicitos correspondentes o favor de nos enviarem extractos d'essas sessões, até ao dia 25, para saírem no n.º de 30 do corrente da *Fraternidade*, o qual será especialmente dedicada á nossa causa do descanso dominical.

E' nosso correspondente em Arcos de Val-de-Vez, o collega Magalhães Junior, de quem este quinzenario tem muito a esperar.

Correspondencias

Coimbra, 9

Salvê

Principiando a minha primeira correspondencia para um jornal de caixeiros, não posso deixar de patentear perante o meu grande amigo José Augusto da Silva Guimarães e os redactores da *Fraternidade*, o meu mais grato reconhecimento pela subida honra com que me distinguiram, nomeando-me correspondente d'este jornal n'esta cidade.

Escrever para um jornal, hoje, quasi toda a gente escreve; escrever, porem, conscienciosamente, seguindo sempre uma linha de conduta seria e digna, é um caminho verdadeiramente espinhoso para quem que como eu queira afastar-se sempre d'esse lodacal de ideias, exploradas e metrificadas por essa alluvião de jornalistas que nos saltam aos olhos, ao primeiro pontapé no monturo: um jornal pôde acabar por falta de leitores, por falta de jornalistas n'unca!...

E' pois d'esse numero para quem talvez nunca a consciencia sorriu, a que fujo de pertencer.

Por vezes a minha penna leal e destemida será aspera e dura penetrando nos outros mais ignobes e pondo a descoberto as mazellas infectas d'uma sociedade podre, outras haverá, que a mesma penna que condemnou e puniu, fará tambem justiça applaudindo e elogiando qualquer acto em cujo fim se veja utilidade.

A doutrina não será nova, é porem verdadeira e será esta a que seguirei sempre.

—*Fado cumprido?*—Não foram aqui recebidos os dois ultimos numeros da *Voz do Caixeiro* e pede-me um amigo aqui do lado, que offereça alviçar a quem descobrir o seu paradeiro.

Estou certo não será satisfeito o seu desejo e aconselho o amigo a que guarde o dinheiro para pagamento dos officios do moribundo.

—*Athneu Commercial*—Realisou-se no domingo 6 do corrente a assembleia geral do Athneu Commercial d'esta cidade.

Com limitadissimo numero de socios, o presidente sr. Joaquim Mendes Macedo abriu a sessão, que apesar de ser bastante morosa na discussão de futilidades, chegou a resolver o seguinte:

Que se procedesse immediatamente á remodelação dos estatutos pelos da Associação dos Empregados do Comercio do Porto, para assim poder o Athneu adherir á federação.

Dar um voto de confiança á direcção do Athneu para d'acôrdo com os membros directórios do Grupo Esperança dos X X poderem fazer uma fusão entre si.

Lido um officio-programma da direcção do Athneu, seria encerrada a sessão sem nada mais digno de nota se por proposta do socio sr. José Augusto da Silva Guimarães, não fosse enviado o seguinte telegramma ao illustre presidente do conselho:

Ex.^{mo} Sr. Presidente do Conselho de Ministros—Lisboa—a Assembleia geral do Athneu Commercial de Coimbra, interpretando o sentir de todos os empregados do commercio, vem perante V. Ex.^a instar pelo cumprimento de vossas promessas ácerca da promulgação de uma lei sobre o descanso dominical obrigatorio —(a) *Mendes Macedo*, presidente.

Não havendo mais que tratar foi encerrada a sessão.

—*Aniversario*—Passa no proximo dia 16 o anniversario natalicio do meu amigo João Gomes dos Santos illustre membro do Grupo Esperança dos X X.

Mais um anno passado de vida alegre e feliz para esse intelligente rapaz a quem peço aceite do coração, alem das minhas sinceras felicitações um apertado abraço.

Julio.

Braga, 11

Eccos da excursão

Verdadeiramente imponente essa festa de confraternisação social; todos os caixeiros, mas principalmente os seus promotores, devem estar satisfeitos com o seu exito. Escusado será encarecer a importancia d'estas excursões, mas só como meio de propaganda para conseguir as nossas tão justas aspirações, como tambem para consolidar mais e mais a união da classe, chamando muitos collegas ao caminho do dever, que elles não sabem e alguns nunca saberão cumprir. Em Braga, como em quasi todas as terras da provincia, a classe enferma d'esse grande mal, que é a indiferença; aqui, n'um meio bastante numeroso, é lamentavel, (para não dizer nojento), que a nossa associação não tenha a vida desafogada que podia e devia ter; menos da terça parte dos collegas é que são socios, ou seja menos de terça parte sabe comprehender os seus deveres e aquillo a que temos direito incontestavel. A «Associação de Classe Commercial de Braga» se exerce um logar destacante na classe que representa, e tem vida relativamente desafogada, deve-o a meia dusia de collegas que com ardor e vontade inabalavel trabalham para a sua sustentação. Mas infelizmente não é só em Braga que isto succede; causava calafrios ouvir na sessão de propaganda alguns delegados, entre elles o illustre collega sr. Corrêa Guimarães, presidente da Associação de Vianna; queixaram-se de que as associações se sustentavam a custo, pois

que os collegas não concorrem com o seu obulo e boa vontade para sustentar essas instituições que são os nosos principaes baluartes de defesa. Este collega allongando-se sobre este assumpto deu a todos os caixeiros conselhos verdadeiramente paternaes; mas, essas observações, deviam ser feitas a muitos que preferiram o passeio e goso, a essa grande manifestação de soliriedade collectiva, que foi a sessão de propaganda, e a muitos outros que ha por ahi fora e que não sabem apreciar o valor d'essas poderosas instituições que se chamam—associações. A' imprensa da classe, essa alavanca poderosissima a quem cabe a pesada tarefa de levantar a classe d'esta indolencia em que se encontra, eu mais uma vez lembro a todos os collegas que cada assignante conseguido é mais um apostolo convicto da nossa causa.

Veio tudo isto a proposito da excursão que como acima digo, foi brilhantissima; a recepção foi delirante sendo todo o percurso feito debaixo d'uma chuva constante de flores; a sessão de propaganda, o jantar e, enfim, todas as festas em honra dos excursionistas, correram á medida de nossos desejos.

Para fechar tudo isto com chave d'ouro, faltou-nos a marcha «aus flambeaux» que não teve a imponentia desejada, devido á trovoadas que aquella hora pairava sobre a cidade; mas ainda assim os mais entusiastas lá foram ruas abaixo, abraçar na despedida os seus collegas e amigos.

Assim terminou essa festa que deixou em todos as mais gratas recordações.

Todo o commercio, exceptuando mercearia, encerrou os seus estabelecimentos durante todo o dia, prestando assim a sua athesão á festa dos seus empregados.

—Na corrida de bicycletas realisada no local de S. João da Ponte, em honra dos excursionistas, ficou vencedor cabendo-lhe o primeiro premio, o nosso collega e meu amigo, Joaquim Silva.

—No proximo domingo realisa-se a eleição dos corpos gerentes da Associação da Associação de Classe Commercial.

Montemor-o-Novo, 10.

No dia 3 do corrente reuniu, em assembleia geral, o Grupo de Empregados no Comercio, presidindo J. Rodrigues Amaro, secretariado por M. Marques Paixão e J. Marques de Aguiar.

Depois de ser escurada a leitura da acta da sessão anterior, foi auctorizado tratar-se primeiramente de qualquer assumpto conveniente extra-nho á *ordem do dia*. Foi o sr. Flaminio de Carvalho quem primeiro pediu a palavra, fazendo umas observações sobre

a constituição do corpo administrativo, por ser composto de 4 membros, quando deveria ser de 3 ou 5. O sr. presidente fez-lhe ver que quando elaborou o regulamento que tem regido este Grupo desde a sua fundação, teve em vista os poucos socios existentes e fez compôr a direcção de 3 membros apenas; mas para prever a eventualidade da não comparencia de um em qualquer sessão, creou um vogal-supplente.

A assembleia concordou e o sr. Carvalho deu se por satisfeito.

Foram apresentadas duas propostas de socios que ficaram approvados e ficaram organisadas as contas de despesa com a manifestação ao commercio pelo encerramento ás quinta-feiras.

Resolveu-se festejar o anniversario da casa no dia 15 de agosto, ficando a direcção encarregada de as organizar e a comissão de encerramento de conseguir o encerramento n'esse dia. Está já provado não se alcançar o encerramento n'aquelle dia, nem a comissão toma a responsabilidade de o conseguir, porque ainda ha pouco aqui implantou o descanso á quinta feira, o que ainda não está firme, podendo ser, como o comprehendem os collegas montemorenses que de perto assistem a estes casos, este pedido em prejuizo do outro que tanto custou, custa e ha-de custar a manter.

Passando-se á *ordem do dia*, a assembleia resolveu adherir á Confederação das Associações de Classe de Empregados no Commercio.

Foi depois dada a palavra ao sr. Francisco Costa, como presidente da comissão de encerramento, que declinou no secretario da mesma J. Rodrigues Amaro, a entrega do mandato de que fora incumbida, visto estar estabelecido o encerramento, competindo agora á direcção pugnar pela sua manutenção. A assembleia não acceitou, ficando a comissão com o encargo de vigilancia até que outra tome posse para o mesmo fim, ou para mais algum beneficio alcançar.

Procedeu-se depois á votação dos corpos gerentes e comissão de encerramento para 1905-1906, ficando eleitos:

Para a mesa d'assembleia geral:

Presidente—Joaquim Rodrigues Amaro, (reeleito); 1.º secretario—Flaminio de Carvalho; 2.º secretario—Francisco Joaquim da Costa.

Para a direcção:

Presidente—Manoel João Amaro, (reeleito); secretario—Pedro Hylario de Mattos; thesoureiro—José Joaquim Felizardo; vogal—Antonio Jacintho de Maia.

Para a comissão d'encerramento:

Presidente—Francisco Joaquim da Costa, (reeleito); se-

cretario—Joaquim Rodrigues Amaro, (reeleito); vogaes—Manoel Marques Paixão, (reeleito); Manoel J. Amaro; P. Hylario de Mattos; J. Marques d'Aguiar; Luiz Manoel Leal Pires.

J. Rodrigues.

Villa Real de Santo Antonio, 10

(PARTICULAR)

Inauguração importante

Na séde do Grupo Liberal de Instrução e Recreio dos Empregados no Commercio d'esta villa, reuniram todos os socios no domingo 6 do corrente, afim de se proceder á inauguração do retrato do fundador do mesmo Grupo, sr. Roberto Francisco da Fonseca hoje empregado na Mina de S. Domingos.

Passarei, pois, a descrever de como esta importante reunião soube comprehender o quanto são gratos os collegas locaes áquelle que tanto trabalhou para obter o que hoje tem: *Uma Associação de Empregados no Commercio*, uma casa onde nós todos unidos faremos alguma cousa, pois que a união faz a força e essa casa dar-nos-ha tambem auxilio quando d'elle careçamos e a boa instrução que tanta falta faz a todos nós. Começarei, pois, por dizer:

A casa estava repleta de quadros, uma das sallas, onde se encontrava o retrato, estava verdadeiramente ornamentada de verdura, vendo-se nas paredes retratos de grupos de caixeiros, estampas etc., etc. O gabinete de leitura ostentava assim como todas as suas sallas um ornamento, digna de ser admirada.

Acompanhou esta festa a tuna, composta de quatro rapazes, que obsequiosamente se prestaram para tocar viola, guitarra, bandolim e rebecca; foi um dia de verdadeiro regosijo.

Foi resolvido que o primeiro a falar fosse o sr. João Caldeira Maior, que fez descobrir o retrato que se encontrava coberto com uma linda seda lavrada, falaram em seguida os srs. José Francisco Borges, Joaquim Bento Collaço, Fortunato da Costa Godinho, José Pedro d'Assumpção, Fabricio e mais collegas, pondo em relevo as altas apreciações em que este Grupo tem o sr. Roberto Francisco da Fonseca.

N'uma das sallas interiores do grupo foi em seguida servido um delicioso copo d'agua, trocando se n'essa occasião alguns brindes.

A's 6 horas da tarde saíram todos em excursão, acompanhados da referida tuna, até á estrada que segue a Monte Gordo e em direcção a Tavora, e, d'alli, regressaram novamente á villa percorrendo a praça Nova, rua de S. José até á Associação, durante o trajecto foram levantados valiosos vivas ao fundador do Grupo, á direcção, ao com-

mercio honrado, á *Fraternidade*, *Folha dos Caixeiros* etc. etc.

Foi um dia de verdadeiro regosijo e que já não mais ficará esquecido na memoria de todos quantos assistiram a esta festa.

J. C. M.

Penafiel, 6

O descanso por lei

Foi ha tempos recebida, pelo nucleo caixeiral d'esta cidade, uma circular da comissão do descanso da zona norte, em cuja circular se convidam os nossos collegas locaes a adherir ao movimento iniciado por aquella briosa comissão.

Logo que d'isto se teve conhecimento, immediatamente o nosso collega José Moreira, muito digno presidente do nucleo, fez reunir os collegas que o constituem, sendo resolvido por unanimidade tomar na devida consideração a doutrina exarada na dita circular.

Resolveu-se mais: officiar ao illustre presidente da comissão do descanso, agradecendo o convite e, ao mesmo tempo, participar-lhe que o nucleo d'esta cidade está incondicionalmente ao lado d'aquella sympathica e prestante comissão.

Tambem foi resolvido, para dar cumprimento á alinea *d*), da circular, officiar ás diversas aggremações e corporações, bem como as redacções da imprensa periodica d'esta cidade, pedindo-lhe o seu valioso auxilio.

Aguarda-se, com ansiedade, a resposta a esses officios, para, sem perda de tempo, dar começo aos trabalhos da confecção da representação, a qual será submettida á approvação da classe, para o que será convocada uma reunião magna que terá logar na noite do proximo dia 20. Depois de approvada, será enviada ao governo por intermedio do illustre deputado por este circulo o ex.^{mo} sr. dr. Anthero de Souza Pinto.

Partiu para as caldas de Moledo o nosso collega sr. Joaquim Moraes da Silva.

Para a terra da sua naturalidade, Vinhaes, tambem partiu na manhã de terça-feira ultima o nosso amigo e habil aspirante de pharmaceutico sr. Adolpho Teixeira, sympathico rapaz que a classe caixeiral d'esta cidade muito estimava, devido ás bellas qualidades do seu character.

Tambem no proximo dia 25 do corrente segue para Traz-os Montes, acompanhando de sua ex.^{ma} esposa, filhinho e irmã, o nosso amigo e activo commerciaute d'esta praça sr. Manoel Antonio Pires.

D. Affonso.

Figueira da Foz, 10

Praia

Tem affluído n'estes ultimos dias á nossa praia grande numero de familias hespanholas e

portuguezas. A animação augmenta de dia para dia nas principaes locaes do Bairro Novo. Os Casinos já funcionam regularmente, tendo debutado no Peninsular e Café Açoriano formosas bailarinas com os seus variados cantos e vailados.

No dia 20 realisa-se no Colyseu a segunda corrida de touros, esperando-se uma festa brilhante, pelas excursões que se esperam n'esses dias, de familias hespanholas e de Aveiro.

Circo Magestik

Os espectaculos n'este circo tem agradado bastante, havendo todas as noites grandes enchentes.

Hontem estreiará-se as formosas artistas russas, irmãs, Lewanowski, que executaram com perfeição transformações rapidas.

Brevemente se esperam, entre outras, a familia Joanita, hespanhoes, tambem artistas de grande merito.

Encontra-se novamente empregado n'esta terra, o collega Manoel Domingues. Felicitações.

Correspondente.

Setubal, 10

(PARTICULAR)

Eis-nos de novo enchendo um bocado d'espaco ás columnas d'este bello quinzenario, que tão distincto e dedicadamente defende os direitos da nossa infeliz classe—com aquelle desassombro de peitos convictos e espiritos orientados na propaganda d'essa grande causa das classes opprimidas que se chama *descanso dominical*.

Mas, deixemos elogios a quem d'elles não precisa. A *Fraternidade* sabe impor-se á admiração de todos e tambem todos devem auxiliá-la.

O fim que hoje nos traz a escrever é chamar os collegas setubalenses de mercearia, que não estão filiados na nossa associação, a reconhecer n'esta um baluarte cheio de força para a defesa dos nossos direitos.

Entre a classe setubalense nota-se um certo mal estar, o qual se explica pelo facto seguinte: Poucos são os caixeiros de mercearia que são socios da nossa Associação!

Ainda ha pouco tempo, pedindo a um caixeiro d'aquelle ramo de negocio para ser socio da nossa collectividade, elle, com ares de escarneo e desprezo (*sic*) soube dizer-me que não precisava da Associação para nada, porque não era ella quem lhe dava de comer!...

Isto confirma o dialogo entre um collega nosso e outro, d'esta cidade, e com o qual deparei no ultimo n.º da *Fraternidade*, n'uma correspondencia particular.

Por estes e outros casos poderá a classe saber o que por ali vae.

Para a conquista dos nossos direitos, é preciso franqueza e lealdade; é preciso soldados de rija vontade e não numeros de encher. Por isso, aconselho a todos os collegas de Setubal a

serem socios da cossa Associação, acabando assim com a barreira estupenda e despotica que arreda o homem da Associação.

Na nossa Associação de Classe, continua funcionando, com frequencia a aula d'escrituração commercial, melhora-mento util que se levou a effeito devido aos esforços da direcção actual, á frente da qual está o honrado negociante sr. José Agostinho Paulo, que se não tem poupado a sacrificios para ver coroados de bom exito os desejos de fazer elevar esta Associação a par de outras congeneres.

A direcção actual, desde que tomou posse, tem seguido n'uma linha de extraordinaria actividade, de orientação e brio, introduzindo na Associação melhoramentos utilissimos, como a bibliotheca que em tempo era de pequeno n.º de livros, e muito brevemente creará a aula de francez e a *Caixa Philantropica*.

Oxalá o classe setubalense saiba aproveitar estes melhoramentos e a tantos sacrificios da direcção, destacando-se d'ella os collegas Joaquim Brandão, José Agostinho Paulo e Luiz Lopes da Silveira, tres espiritos lucidos a quem tanto se deve.

Está de lucto, pelo fallecimento de seu tio, o nosso amigo e collega Armando da Silva Maia, a quem apresento os meus sentimentos.

A. V. E.

A "Fraternidade" é hoje enviada pela primeira vez, a alguns collegas que — por serem interessados na mesma causa que defendemos — deve auxiliar todos aquelles que, simplesmente movidos pela ideia de prestarem o seu modesto concurso á causa dos opprimidos, labutam na imprensa; e, n'esta convocação, entendemos que todos poderão auxiliar-nos com a sua assignatura, já-mais porque o nosso jornal é barato e foi fundado para defender os direitos dos opprimidos.

Pedimos, pois, a todos elles que nos ajudem com a sua assignatura, e o nosso reconhecimento será eterno.

Registamos já as assignaturas que seguem, e que muitissimo agradecemos:

A pedido do collega J. L. C., a do sr. Torquato Antonio Collaço; a pedido de Magalhães junior, as dos srs. José Joaquim Crespo, Antonio Alves da Cunha, Francisco de Saraiva de Miranda e Julio Dionizio Mendes; a pedido do collega Julio dos Santos, as dos srs. Nery Ladeira, José Fernandes Mesquita, Manoel da Cruz Canellas e João Gomes dos Santos; a pedido do collega Adelino Vicente da Encarnação, as dos srs. Sebastião José Annes, Venancio José da Costa e Joaquim Ignacio Prazeres; a pedido do collega José Joaquim Coelho d'Almeida, a dos srs. Joaquim de Sousa Magalhães, Raul Alves Pinheiro, João Guerra Duarte e José Teixeira Antunes.

Emygdio Navarro

Entre as notas mais sensacionais e alarmantes da semana destaca-se a do passamento de este homem superior.

Pelo jornal, pelo livro, pela politica, tornou-se Navarro uma das figuras mais proeminentes do nosso meio, verdadeira potencia irreductivel de esforçadas luctas e trabalhos. Como jornalista, era sem duvida o primeiro entre todos os nossos, e por isso o mais respeitado, o mais temido, o que mais influa na opinião e melhor a dominava; o seu jornal «As Novidades», livre por principios, fogoso e indomavel por temperamento, occupou desde o principio uma posição característica e inconfundivel na imprensa portugueza. Como escriptor, como homem de letras, tambem Navarro brilhou devidamente, especialmente no seu livro «Quatro dias na Serra da Estrella», que documenta a vasta erudição do auctor, o seu profundo conhecimento da lingua e manifesta vocação litteraria, resultando ser este livro uma das melhores peças da litteratura contemporanea.

Mas onde a poderosa actividade de Emygdio Navarro se exercitou mais eficazmente e mais vantajosamente para os interesses do paiz, que tanto servira, foi no campo da politica activa, affirmando-se no parlamento tribuno de largo folego, e no ministerio de que fez parte estadista emerito e laboriosissimo. As obras publicas, sob o impulso do seu braço e da sua tenacissima vontade, progrediram notoriamente em todos os ramos, sendo bem assignalados os beneficios da passagem de Navarro pelo poder. Este grande homem publico foi tambem um diplomata, representando durante alguns annos Portugal em Paris; porém depressa regressou á patria e ao jornalismo—a sua mais apaixonada inclinação. No jornalismo se fez homem; no jornalismo acabou de o ser. Entrou na vida pela mão do jornal; e é pelo jornal ainda que o vemos brilhar e gastar-se brilhando até á derradeira hora.

Noticiaram as gazetas que no Luso, onde o grande escriptor fallecêra, todos os estabelecimentos fecharam em signal de luto. Mas o sentimento por Emygdio Navarro não se localisa: é verdadeiramente nacional.

Porto

A. P.

Qué és la vida?

Lloramos cuando nacemos,
Cuando jóvenes lloramos,
Y si á la vejez llegamos,
Tambien lagrimas vertemos.
Do quier la vista tendemos
Sólo nos ofrece el mundo
Tristeza, dolor profundo.
Qué és, pues, la vida? Um gemido
Que empieza un recio nacido
Y concluye un moribundo.

V. Real de St.º Antonio, 10-8-905

João Caldeira.

Agricultura

Pó fixador de azote para estrumeiras ou montureiras, nitreiras, fossas, etc.

A maior riqueza que, sem duvida, póde ter o lavrador em sua propriedade, será uma boa montureira, arranjada e confeccionada com todas as regras precisas, para ter um bom adubo, composto de elementos nobres necessarios ás plantas.

O estrume de quinta, sendo composto de todos os dejectos animaes e mais detricos da propriedade, vegetaes, etc., deve depois de arrumado em montureiras, ter cuidados pelos quaes aquelles elementos se decomponham, entrando em fermentação, para formarem uma massa compacta escura e decomposta e que deverá ter por 1:000 kilos:

4^k7 de azote; 3^k de acido phosphorico, 5^k2 de potassa e 4^k de cal.

Para se chegar a este resultado, será preciso ter a montureira resguardada dos raios do sol, e receber a humidade precisa, ministrada por meio de regas semanaes.

Uma das condições portanto a attender na montureira é evitar a perda do azote, que, pela elevação de temperatura e ser exposta aos raios do sol, se perde e desseca. Ha os fixadores de azote como a arzilla, o terriço, os saes de potassa (menos o carbonato), os superphosphatos etc., que em camadas se misturam ao estrume.

Como nem todo o lavrador está para fazer um coberto, proceder a regas, nem applicar aquelles elementos, mas não quererem, outros por não poderem, outros emfim por terem os seus estrumes disseminados em diferentes sitios da propriedade, terá no entanto á mão um producto em póde chamado *Fixador Ideal*, que satisfaz a todas as exigencias.

Este producto fixador leva ao estrume grande quantidade de saes de ferro, muito necessarios á vida das plantas, *fixa o azote* e augmenta as percentagens ao estrume, de acido phosphorico e potassa, tornando esta assimillavel no terreno.

O seu emprego póde ser nas camas dos animaes, desde que o solo seja impermeavel, ou melhor, nas estrumeiras, empregando pouco mais ou menos 30 kilos por carrada.

Mesmo para os descuidados, ou que não podem ter a sua montureira em condições, o *fixador* serve-lhes de coberto, de correctivo e de augmento de elementos nobres, como a potassa, o acido phosphorico, etc.

Famalicão, agosto de 1905.

Henrique A. S. Oliveira.

Não é muito d'espantar d'estas mudanças, que a fortuna traz consigo, pois suas cousas, de gloria ou miseria andam sempre acompanhadas.

A grandeza das acções humanas mede-se pelas inspirações que as faz nascer.

ECCOS

Que sorte!

Os nossos confrades inglezes teem a feliz sorte de, quando em quando, herdarem grossos dinheiros, como o testemunha a liberalidade d'um distincto cidadão britanico, sir John Willoux, que morreu ha dias, deixando uma fortuna de 160 mil libras, assim repartida: A casa e todo o mobiliario a sua irmã miss. Willoux; 500 libras ao editor do «Correio de Liverpool»; 100 libras ao director do jornal; 150 ao gerente; 1500 acções do periodico ao chefe da composição, e 10 mil libras para os fundos do syndicato da imprensa, as quaes deverão ser distribuidas pelos redactores mais pobres. O resto da fortuna deixou-a a uma outra sua irmã e aos hospitaes de Liverpool.

Que pena que estas liberalidades com jornalistas não se usem tambem n'este jardim á beira mar plantado!

Ah-Ni-Ghi-To

E' a mais joven exploradora do mundo. As quatro syllabas do seu nome forman, em lingua groenlandez, a graciosa denominação: «A filha das neves». Seu pae é o tenente Peary, pertencente á marinha dos Estados-Unidos, e o qual celebrou o seu matrimonio entre duas expedições ao Polo. Sua esposa acompanhou-o. E foi assim que a criança nasceu n'um acampamento de esquimós.

Ah-Ni-Ghi-To tem doze annos e, em breve, encontra-se nas neves polares, para onde vae em companhia de seus paes. Falta saber se, apesar da sua naturalidade, «A filha das neves» estranhará a asper aragem dos mares glaciaes!

Casamento engraçado

Em Encourados, Barcellos, casaram ha dias os jovens noivos João Luiz Borges com Margarida Freire. Esta de 75 annos e aquelle de 65.

Foram festejados ha noite após o casamento com uma serenata composta de caixas de folha e buzinas, fazendo um bulha ensurdecedora, acompanhando isto de piadas, como «O João pódes mandar fazer o caixão», etc.

Até 1967

Foi permitido a um camaleão, ha pouco agraciado com o titulo de Marquez, pagar em prestações mensaes de 55023 réis, durante 62 annos e oito mezes, a quantia de 3:783\$007 réis, dos respectivos direitos de mercê.

Estamos em 1905 e o agraciado tem 40 annos. Deve portanto, ser, saldado a sua divida em 1967, tendo então 102 annos de idade.

Que refinadissima pandega!

Quem quer?

Um jornal de Tokio publicou ha pouco o seguinte curioso anuncio:

«Sou uma formosa mulher, de cabellos que fazem lembrar as nuvens; o meu talhe é flexivel como o salgueiro; o rosto comparavel a

uma flôr, e tenho as sobrancelhas em crescente. Posso o bastante para atravessar a vida de braços cruzados olhando durante o dia para as rosas dos jardins e para o luar durante a noite.

Se existe algum homem galante que seja ao mesmo tempo intelligente, sabio, perfeito e de bom gosto, ligar-me-hei a elle para a vida inteira, até poder compartilhar o prazer de ser enterrada ao seu lado no mesmo tumulo».

Não ha por ahi ninguem nas condições?

Mala Real Ingleza

Esta importante Companhia acaba de resolver não só augmentar o numero das saídas dos seus vapores mas tambem que alguns d'elles toquem no Porto de Leixões tanto na ida como na volta dos portos do Brazil e Rio da Prata.

O primeiro paquete a inaugurar esta escala será o «Masgdalena» que tocará em Leixões no dia 2 de outubro na ida e no dia 16 de novembro na volta.

Esta medida será de grande commodidade para os srs. passageiros cujo maior numero tem familia no Norte de Portugal.

A começar em setembro todos os paquetes d'esta companhia tocarão nos portos de Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres, tanto na ida como na volta.

«Ilustração Portugueza»

O sumario do n.º 93 d'esta publicação é o seguinte:

A princeza das Asturias com seu filho o fallecido infante D. Fernando—A batela chronica de Rocha Martins—Arrabalde de Lisboa: Sacavem Um aspecto do rio—O fallecimento do infante D. Fernando: suas tias cobrindo o cadaver com flores—Em Lagos O almoço oferecido aos ministros das obras publicas e guerra: A chegada dos mini-tros—Sarah Bernhardt—O exercicio de maqueiros na Estrella—A fuga do Leopardo no Jardim Zoologico: a fera lançando-se sobre o guarda municipal n.º 19—Lagos: aspectos: Visita do almirante Beresford á canara municipal. Funeral de um marinheiro inglez: No cemiterio. A guarda de honra. O padre inglez. A mus ta retirando Naval contractor—Lagos: aspectos: Chegada de el-rei e visita ministerial: A bateria do forte da Bandeira. Atravessando a parada Sobre a ponte do forte. No pateo O embarque dos officiaes portuguezes para ir em cumprimentar el-rei. Um aspecto da bahia de Lagos no dia da entrada do «yaht Amelia»—A fuga d'um leopardo do jardim Zoologico: O soldado ferido no hospital. O serralhei o Augusto da Cunha, que matou a fera. O enarregado do buffete do Jardim. que perseguiu o leopardo com uma facha atada n'um grande pau. O soldado n.º 19 da guarda municipal. A jaula—Folhetim «Asia em Chammass», traducção de Alberto Tuller—A corrida de bicycletas do grupo «Simplex»—Chronica elegante, etc.

“FRATERNIDADE”

Orgão dos caixeiros e do commercio em geral

BARCELLOS

Ex.º Lus.